

A SESSÃO OBSOLETA

MARCELA ANTELO (Salvador)

Se há algo que pega de surpresa o dispositivo analítico é a possibilidade que a popularização dos recursos tecnológicos oferece de criar encontros virtuais que prescindam dos corpos reais. Para o ano 2006 o Senado francês calcula que oitenta por cento dos usuários de computador contataram com realidade virtual acessível nas suas telas.

A sofisticação de novos modos de presença que anima equipes de cientistas e aterroriza *ludditas*, seduz à oferta terapêutica. Praticamente os cinco sentidos habitam a paleta do cientista das presenças virtuais. Ameaçados pela remoção generalizada das substâncias, café sem cafeína, cigarros sem nicotina, sexo sem contato carnal, analistas sem divã, estamos forçados a dizer o que entendemos por presença real do analista e porque é necessário o corpo se sua condição é não usá-lo.

I seek you/ Te busco/ Cadê você?

Longe de saciar a sede de encontros carais, a virtualização dos laços sociais atiza a demanda da presença do Outro ao mais alto grau. Este encontro é nossa prova.

Miller falou da banalização da presença para o jornal *Liberation* que o consultava sobre o divã no século. O banal é o que é para todos, *a common place*, e foi interessante encontrar que na sua origem, antes de ser um adjetivo francês, banalizar significava simplesmente falar, proclamar. Banalizada a presença virtual, proclama Miller, a presença real será preciosa.

Poder obter a voz, a imagem do outro, poder manuseá-la em três dimensões e aplicar-lhe qualquer lupa e a qualquer distância, poder até monitorar-lhe sua pressão arterial, é o regozijo tecnológico da época. Até o cinema revolucionou-se docemente, diz Raymond Bellour, quando a presença dos sons, que faziam obstáculo ao cinema moderno hoje se consagra. Escutamos fósforos se acenderem, suspiros se exalarem, batidas cardíacas, furacões irados, efeitos especiais da presença do outro.

A terca vaidade da demanda se concentra na presença, no dom da presença, o mais além de toda demanda. Os “geradores de presença” são especialistas que se dedicam a criar “imagens de síntese” do outro para causar “efeitos de contato”. O efeito de contato tátil, por exemplo, última vedete, se realiza por meio das energias pneumática, elétrica e mecânica. Os odores e as temperaturas aguardam sua oportunidade na prateleira. Aliás, posso acrescentar hoje que os itens dessa prateleira já estão à venda.

Nós aprendemos da mãe freudiana que sua ausência faz fundo para todas as presenças que o sujeito possa encontrar no seu caminho. A função do pai marca uma ausência diapasão que abre e fecha o devir do sujeito, pulsa.

Parece que o tempo da inexistência do Outro condena o sujeito a perseguir seus signos com a maleta tecnológica. Os objetos da presença do Outro, sua voz, sua mirada, sua escritura, sua ira, seu ódio, seu corpo, seu gozo são procurados sem cessar em motores de buscas ao serviço do usuário. O sinistro Echelon objetado recentemente pelo governo francês oferece a obscenidade em jogo à hora de produzir a presença do outro com o fim de aniquilá-lo melhor. Até timbres de voz reconhece este programa de espionagem conveniado entre Estados Unidos e Inglaterra no pós-guerra (intercepta milhões de mensagens transmitidas via satélite em meia hora, detecta palavras perigosas e se mantém, por enquanto, entretido com espionagem industrial).

Lacan diz que a presença é uma experiência, é a experiência de um sentimento. Como conceito não somente é ambíguo senão também complexo. No volume sobre a transferência do Encontro em Caracas, oito anos atrás, pode-se ler a pergunta que se fazia em Angers: «Estará mal escolhido o termo presença?», tamanho o incômodo que causa; Sartre livrou-se dela proclamando a auto-análise, a simples presença de si mesmo.

Um argumento para orientar-se em Lacan é que a presença do analista não passa pela sua decisão de estar ali,

pois trata-se de uma presença súbita, viragem brusca, substância ligeira. É manifestação, irrupção, e não o hábito de encaixar sua ossada na poltrona.

A presença não representa ao analista senão para o analista assim como a hóstia o faz para Cristo e não a Cristo. Já no seu livro 1 Lacan apontava a dificuldade de viver se o sentimento da presença fosse constante: «É um sentimento que tendemos incessantemente a apagar da vida [...] É um mistério que mantemos à distância e ao qual, por assim dizê-lo, nos acostumamos»¹. Estar ali com o corpo não é estar ali.

Mais adiante e como modo de «restituir às coisas contemporâneas sua base paradoxal» alojará a presença no registro do real. Quando o desejo habita, se instala, poderíamos dizer, no lugar da presença real, o povo de fantasmas. Não há mais intervalo nem virada brusca quando a presença real cai nas mãos do desejo. O desejo nos defende da presença real, lição das primeiras históricas freudianas.

O amor, por outro lado, nos conduz a desejar a presença de um número restringido de pessoas², o ódio a detestá-la. A presença se faz mola do mais-de-gozar. Ela se dota de instrumentos, por exemplo: temos estado rindo do chicote que Lacan introduz no seu recentemente estabelecido *Seminário 5*; podemos assim mesmo recordar a estreita relação que Freud tecia entre o telefone e o aumento dos modernos apetites de presença.

A patente do telefone e a psicanálise apareceram na mesma década. O telefone portátil, como seu nome o indica, celular, tem se convertido em órgão do corpo, secreta a presença da voz da mãe dos dias de hoje, quando não do olhar panóptico do outro doméstico, não somente da burguesa, como gostava Lacan de chamá-la, senão também do proletário. Aquele que possui um aparelho pode decidir se quer ou não a presença da voz do outro, apenas contando com o número que supõe tal sujeito da enunciação.

O uso do primeiro plano como recurso cinematográfico também se impõe contemporaneamente ao *close-up* das presenças que a psicanálise oferece. Como estranha experiência da intimidade entre estranhos, a casa dos segredos que Freud inventa e que nos assemelha definitivamente com qualquer Inspetor Dupin, levou-se ao cinema incansáveis vezes. Apesar de até a máfia ir para o divã, a sessão analítica é cenário de um encontro impossível de digitalizar.

Por definição a sessão é obsoleta, isto é: inadequada às circunstâncias atuais, reza o dicionário, e é enquanto tal que devemos fazer valer seu agalma.

A tese que Lacan sustenta é que há algo ininterpretável numa análise e que este algo é a presença do analista. Miller o resumiu na sua primeira aula deste ano dizendo que o analista encarna algo do gozo, a parte não simbolizada do gozo, a parte impossível de digitalizar, podemos acrescentar.

Sem dúvida alguma pode-se olhar dentro da alma de qualquer um folheando seu diário, pode-se até encontrar “gemas de suprema utilidade”, segundo Freud, porém nada de provocar efeitos a não ser arriscando a própria pele. Não há leitura do saber inconsciente sem presença, sem pôr o corpo, disse Miller ao iniciar seu curso deste ano. Estar ali sem o corpo não é estar ali.

A transferência virtual

E o que se pode digitalizar, o que provoca? De onde provém a animação que provoca que os jovens se despedçam, queiram despedir-se, para poder reencontrar-se tarde na madrugada nos seus *chats*?

É uma presença outra que desejam. Não se escondem do contato como predicam as pedagogas preocupadas, últimas humanistas em ação incapazes de situar o gozo estranho dos aficionados. Não é um *full contact*, não é o contato todo, é um outro contato onde depositam a virtude de poder eliminar as vergonhas que o face a face lhes fazem deparar, onde podem brincar de serem outros para eles mesmos.

Lacan disse que a transferência é o nome pudico de um gozo que se pode localizar perfeitamente nesta experiência. «No fim das contas não é surpreendente que a essa espécie de posta em co-vibração, co-vibração semiótica, seja chamada, pudicamente, transferência. A animação surge de *lalangue* que parasita e constitui sentido e suscita sentimento. Trata-se da animação no sentido de um remexer, de uma coceira, de um furor; para dizê-lo tudo, a animação do gozo do corpo»³.

Esta produção conjunta de sentido supre o sexual; chamamos gozo fálico a esta suplência que *alingua* como parasita possibilita. A transferência é o nome pudico deste gozo. Não esqueçamos que a premissa universal detectada por Freud fazia existir a presença do pênis.

Dr. Sbaitso by Sacha Nacht

Sacha Nacht, aquele que irritava Lacan em “A direção da cura” com sua sentença «o analista atua menos pelo

que diz que pelo que é» toma a presença como um conjunto contra o analista como espelho raso, superfície lisa e neutra. A presença é uma atitude, útil sobretudo, para dissolver o mundo alegórico do depressivo, nos diz no seu livro *A presença do analista*⁴. Presença figura, tal como a que certos teólogos opuseram à presença real de Cristo na eucaristia.

Em ocasião do XX Congresso Internacional de Psicanálise, Paris 1957, Nacht se coloca como o pai do nome, apesar de dar em outro lado o crédito a Racamier, pela definição de presença: «atitude por meio da qual propomos ao sujeito uma forma figurada, captável, não dissipável, não ambígua, de nossa existência e de nosso interesse pelo enfermo». A presença é o artifício por meio do qual o analista sai do mundo mítico da fantasia para entrar na vida real e plantar-se frente ao paciente, com o que é e não com o que diz.

Se a presença é um «dom de uma forma figurada, captável, não dissipável, não ambígua» do desejo do analista bem poderia ser digitalizada e ainda mais já foi feito. Não sei se alguns de vocês já tiveram a ocasião de um encontro com o cordial Dr. Sbeitso que não é nada menos que um avatar de Sacha Nacht, um analista 100% digital, um software ou melhor definido, um *knowbot*, um robot que sabe, que se supõe que saiba e do qual já se tem várias gerações, os mais audaciosos fabricados em Colonia, Alemanha. Para programar um analista é preciso saber o que é um analista e Sacha Nacht o sabia.

O paradoxal é que, justamente, Nacht foi um dos primeiros *ludditas* de nossa prática, pois já temia a máquina: «a atitude de presença pode evitar que o analista se converta em uma máquina de interpretar até o infinito»⁵ só pode sustentar a presença como necessidade técnica e não ética. «Sermoneio lacrimoso, ampulosidade serosa,

carícia pegajosa»⁶ imagem de síntese da presença do analista pela vaidade do seu discurso.

Cyberser

Na época do entendimento tecnológico do ser, sexto e último paradigma de Heidegger, seus atuais discípulos encontram que a pergunta do século é: Como resistir à devastação que a tecnologia nos submete e como mudar-lhe o signo?

Os críticos da euforia digital caminham cada dia mais no sentido de não opôr os mundos real e virtual. Não há tal coisa como dois mundos, há instrumentos.

Como o chicote, os instrumentos estão a serviço do fantasma. A invenção de um novo espaço onde o corpo seria obsoleto e um verdadeiro lastro do desejo forclui o real e é a matriz com a qual se propõem experiências virtuais liberadas do corpo obsoleto.

O argumento é que se na sessão analítica o corpo do analista permanece inacessível, até fora do ângulo de visão do sujeito, bem poderia gerar-se o cenário na tela.

A perda de realidade que tem gerado a tecnologia permite fantasiar um analista como suplemento artificial e protético que no campo descentrado do grande Outro suplemente o fracasso do sujeito em apenas um *click* do mouse. O homem do rato.

A presença sustentada por um “ideal de funcionamento” como diz Éric Laurent, não produz a sessão como avesso dos efeitos da ciência na vida cotidiana e é somente neste avesso que podemos existir.

O que chamamos a extensão não é outra coisa que a extensão do desejo da presença do analista e seu respeito pelo imprevisto. Presença obsoleta pois, como a mesmíssima palavra obsoleta.

¹LACAN J., *O Seminário, Livro 1, Los escritos técnicos de Freud*, Paidós, Buenos Aires, p.73.

²LACAN J., “Les non-dupes errent”, seminário inédito, aula de 9/1/73.

³LACAN J., *ibid.* aula de 19/6/68.

⁴NACHT S., *La presencia del analista*, p.72.

⁵NACHT S., *ibid.* p. 76.

⁶LACAN J., “Introdução”, *O Seminário, Livro 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, cap. 10.1.